

LUTAS NA ESCOLA

Isabella Blanche Gonçalves Brasil
Professora da rede pública municipal de ensino de Bauru/São Paulo

O conteúdo lutas na educação física escolar, possivelmente encontra maior resistência de ser desenvolvido devido a diversos fatores. Porém, mesmo com estas dificuldades é imprescindível buscar possibilidades de superação das resistências, a fim de introduzir, de fato, esse conteúdo na escola. Neste sentido, este texto busca relatar uma experiência de ensino do conteúdo lutas nas aulas de educação física em uma escola municipal da cidade de Bauru/SP para as turmas do 9º ano C e 9º ano D da referida instituição escolar. Os alunos realizaram seminários, demonstrações práticas, avaliação conceitual e ainda vivências práticas, além de uma reflexão sobre o tema, na qual expuseram suas considerações por escrito. A experiência permitiu que fosse construída uma nova relação com as lutas, tanto para ensinar como para aprender, evidenciando que um conteúdo diferente pode ser bem aceito pelos alunos e que não é necessário ser faixa preta em determinada luta para ensiná-la na escola.

Palavras - chave: lutas, escola, educação física

De acordo com Brasil (1998), a Educação Física escolar visa introduzir os alunos na cultura corporal de movimento, distinguindo os objetivos dessas práticas na escola, garantindo o acesso a elas e oferecendo instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente. Carreiro (2005) enfatiza que não é função da Educação Física escolar a preparação de lutadores, e entre os conteúdos que podem ser desenvolvidos na Educação Física escolar, lutas é um dos que possui maior resistência, pela falta de espaço, material, vestimenta e associação à violência. Também existe a idéia de que o professor de Educação Física escolar deve ser faixa preta em alguma luta para ensiná-la. São pontos que dificultam abordar esse conteúdo na escola, mas, é imprescindível buscar superá-los.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é relatar uma experiência de ensino de lutas nas aulas de Educação Física na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Maria, em Bauru/SP, entre março e abril de 2010, para as turmas do 9º ano C (27 alunos) e 9º ano D (28 alunos). A escola referida fica num bairro central da cidade e a maioria dos alunos é de classe média, sendo que a turma C apresenta maior abstenção pelas aulas que a turma D. O programa elaborado visou proporcionar vivências práticas relacionadas às lutas, conhecer e identificar suas particularidades, as relações com a cultura corporal e promover reflexão sobre as influências atuais dessa manifestação. Usou-se como procedimentos didáticos, aulas teóricas, práticas, discussões, pesquisas, atividades individuais e em grupo.

O trabalho teve início com uma conversa sobre a possibilidade de conhecer coisas novas e diferentes, levantando os conhecimentos prévios sobre lutas. Em ambas as turmas, disseram que luta era “porrada” e que iriam aprender a brigar, além de expressões não verbais e colocações como:

- *Porque vamos aprender lutas?* Expliquei que elas fazem parte da cultura corporal, enfatizei os objetivos da proposta (conhecer algumas formas de lutas, vivenciar uma prática relacionada à luta, valorização das lutas, desvinculando-a das manifestações violentas, enfatizando seu caráter benéfico), incentivei sobre a importância e a participação deles nas aulas, na pesquisa e nos trabalhos, assim como a responsabilidade perante a disciplina, pelo seu próprio aprendizado e a aprendizagem coletiva, significativa e valorizada, mostrando que, sobre todo conteúdo trabalhado seria feita uma verificação de aprendizagem que ocorreria nas três dimensões, atitudinal, conceitual e procedimental. Optamos pelo trabalho em grupo e em seguida alguns tipos de lutas foram expostos por nós, compondo onze tipos na turma C (esgrima, tai chi chuan, jiu jitsu, taekwondo, judô, caratê, capoeira, boxe, Kendô, kung fu, e sumo), e doze tipos de D (incluíram o Muaytai). Cada grupo ficaria responsável por pesquisar e elaborar uma apresentação, podendo usar recursos de vídeo em *data show*, leituras, ou até práticos, como demonstrações. Solicitei que registrassem a pesquisa, podendo ser manuscrito, impresso ou áudio visual para posterior avaliação. Os tipos de lutas foram sorteados para que não houvesse conflito por preferências e datas foram agendadas para as futuras apresentações. A fim de obter maior segurança no trato com esse conteúdo, realizei pesquisas sobre os tipos de lutas solicitados. As apresentações foram diversas na turma C: as lutas Sumô e Kung Fu foram apresentadas em *data show* com fotos, enquanto os componentes liam o texto, sincronizados com a apresentação das imagens; leitura sem exposição de vídeos ou imagens sobre o Boxe; sobre Kendo, foi mostrado um vídeo no programa *Windows Movie Maker* com explicação enquanto imagens e textos se reproduziam sincronizados; slides no *PowerPoint* com textos e um vídeo com demonstrações de taekwondo; vídeos de demonstrações de jiu jitsu e tai chi chuan e apresentação no *PowerPoint* com imagens, enquanto liam o texto; entregaram o trabalho sem apresentação sobre o tema capoeira e caratê; sobre a esgrima *slide* no *PowerPoint*, porém com textos muito extensos, intercalando as explicações com algumas imagens; o grupo responsável pelo judô não apresentou.

Já na turma D, um vídeo com imagens, músicas e textos sobre a história da capoeira e como ela se difundiu para o mundo foi apresentado; sobre muay tay e sumô, o grupo leu um texto, mas sem apresentação de imagens; Kendo, apenas um componente do grupo se apresentou, lendo o texto enquanto mostrava um vídeo com demonstrações da luta; taekwondo, *slide* no *PowerPoint* com imagens e textos; esgrima e caratê leitura do trabalho, enquanto mostravam *slides* no *PowerPoint*; tai chi chuan leitura do trabalho escrito sem apresentação de imagens ou vídeos; boxe apenas entrega do trabalho escrito, sem apresentação, assim como o grupo sobre kung fu e judô; sobre jiu jitsu, realizado demonstração uniformizados com kimonos e com utilização de colchonetes os alunos, demonstraram a luta. Acredito que foi uma das apresentações mais ricas e interessantes, todos se envolveram, perguntaram, aplaudiram e o grupo respondeu às questões propostas pelos

colegas e aproveitaram para ressaltar a importância do autocontrole que o lutador deve ter. Expus algumas considerações sobre os trabalhos e complementações, assim como explicações sobre os trabalhos que não foram apresentados, para que todos tivessem conhecimento mínimo sobre o assunto. A avaliação conceitual mostrou que na turma C todos os alunos alcançaram notas maiores ou iguais a 5,0, já na turma D, quatro alunos atingiram notas inferiores que 5,0, no geral, o desempenho das turmas na avaliação conceitual foi satisfatório.

Para o fechamento deste conteúdo, realizamos vivências práticas, como lutas de espadas (confeccionadas com jornal e fita adesiva) refletindo o Kendo e a esgrima; e lutas de oposição, como o mini-sumo e o jogo de cócoras. Na turma C, a maioria dos alunos participou das vivências e até os alunos que não as vivenciaram se divertiram. Alguns demonstraram-se mais competitivos, mas mantiveram respeito, foi interessante ver as potencialidades, reações e comentários: - *Nossa professora que legal! Olha, eu sou mais forte que ela! Vem ver professora eu consigo fazer alguma coisa!* Essa última observação foi de uma aluna que se sentia excluída das aulas por estar acima do peso. Ela se referia a ter conseguido tirar uma colega do círculo no mini-sumo. Na turma D, todos os alunos participaram da prática, visto que nessa turma há menos abstenção.

Após a prática, fizemos uma reflexão sobre o conteúdo trabalhado, e os alunos expuseram suas opiniões por escrito, e apenas uma foi desfavorável. Refleti sobre minhas expectativas e minha insegurança no início desse trabalho, e reconheço que poderia ter feito diferente em alguns momentos, mas considero que a experiência foi muito rica tanto para os alunos quanto para mim, permitindo que fosse construída uma nova relação com as lutas, tanto para ensinar como para aprender, evidenciando que um conteúdo diferente pode ser bem aceito pelos alunos e que não é necessário ser faixa preta em determinada luta para ensiná-la na escola.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, 1998.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Orgs. DARIDO, S. C. & RANGEL, I. C. A. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.